

Apresentação

O segundo volume da série de publicações da i2B está no ar. Dando continuidade a um dos objetivos da i2B, que é fomentar, no Brasil, a produção de materiais bibliográficos sobre a prática e a pesquisa em interpretação, temos, neste volume, a contribuição de autores nacionais e internacionais sobre a formação de intérpretes. Queremos aqui apresentar discussões sobre as atuais tendências da formação de intérpretes, suas perspectivas e limites.

A maioria dos autores são intérpretes que formam outros intérpretes. E temos, ainda, a colaboração de Branca Vianna, que é membro do Comitê de Formação e Atualização Profissional da AICC, e fala da atuação desse Comitê no novo panorama de ensino e pesquisa no Brasil.

Segundo a própria Branca, desde 2010, temos visto uma lenta transformação desse panorama no país, com interesse renovado não apenas pela formação de intérpretes, com o surgimento de novos cursos, como também pela pesquisa acadêmica e não acadêmica em interpretação. No entanto, os artigos deste volume ainda não retratam os programas brasileiros de formação de intérpretes.

Cristiano A. Mazzei fala da interpretação comunitária nos Estados Unidos, com ênfase na descrição do Programa de Tradução & Interpretação (TRIN) do Century College de White Bear Lake, no estado de Minnesota, no artigo “A importância da interpretação comunitária para um mundo mais justo: a experiência de um pequeno programa de treinamento nos Estados Unidos”.

Andrew Clifford, PhD, em *“Becoming Close Despite the Distance: Communities of Practice and Online Interpreter Training”*, fala das características, dos desafios e benefícios do mestrado em interpretação de conferências da Glendon College, um campus da York University, de Toronto, que tem o primeiro ano da formação inteiramente on-line, e o segundo, presencial.

Helen Campbel, no artigo *“Note-taking for consecutive interpreting – why and how? How I came to Brazil with a ruthless red pen”* fala dos objetivos das anotações na modalidade da interpretação consecutiva e como elas podem e devem ajudar o intérprete, em vez de representar um obstáculo. Ela permeia, ainda, os detalhes dos workshops de interpretação consecutiva que conduziu, em 2014, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Finalmente, Franz Pöchhacker, em *“The role of research in interpreter education”*, traduzido por Mylene Queiroz, fala do papel da pesquisa na formação de intérpretes, dos pontos de vista curricular e metodológico, sugerindo alguns tipos de pesquisa que podem beneficiar as práticas de ensino, além de considerar que poderia conduzir tais pesquisas, sobre que tópicos e como.

Giovana Boselli – Editora da i2B
Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2017